Revista Macambira

O coletivo *Jupago Kreká* na promoção do Bem Viver do povo Xukuru do Ororubá

João Luiz da Silva Vieira[1]

RESUMO

O Jupago Kreká é um coletivo de agricultura do povo Xukuru do Ororubá, cujo território se situa na Serra do Ororubá localizada nas cidades de Pesqueira e Poção-PE. O grupo em questão surgiu com o intuito de levar para a etnia uma reflexão sobre a importância de enaltecer ancestralidade da agricultura após anos de invasão territorial por parte de fazendeiros. Para tal, a noção de Bem Viver se tornou uma ferramenta fundamental para este entendimento. Assim, fundamentado em métodos de observação direta e entrevistas a partir da história oral, este trabalho tem como objetivo compreender e debater a importância do coletivo Jupago Kreká na valorização da agricultura ancestral dos Xukuru do Ororubá a partir do conceito de Bem Viver.

Palavras-chave: Identidade, Agricultura, Território, Povos indígenas.

The Jupago Kreká collective in promoting the Good Living of the Xukuru do Ororubá people

ABSTRACT

The Jupago Kreká is an agricultural collective formed by the Xukuru do Ororubá people, whose territory is located in the Serra do Ororubá, in the municipalities of Pesqueira and Poção, Pernambuco, Brazil. The group emerged with the aim of fostering reflection within the community on the importance of honoring the ancestral roots of agriculture, especially after years of territorial invasion by farmers. In this context, the notion of Good Living has become a key framework for promoting this understanding. Based on direct observation and interviews grounded in oral history, this study aims to understand and discuss the significance of the Jupago Kreká collective in valuing the ancestral agricultural practices among the Xukuru do Ororubá through the lens of Good Living.

Keywords: Identity, Agriculture, Territory, Indigenous peoples.

El colectivo Jupago Kreká en la promoción del Buen Vivir del pueblo Xukuru do Ororubá

RESUMEN

El Jupago Kreká es un colectivo agrícola del pueblo Xukuru del Ororubá, cuyo territorio se encuentra en la Sierra del Ororubá, situada en los municipios de Pesqueira y Poção, en el estado de Pernambuco, Brasil. Dicho grupo surgió con el propósito de promover una reflexión dentro de la etnia acerca de la relevancia de revalorizar la ancestralidad agrícola, tras años de invasión territorial por parte de los hacendados. En este contexto, la noción de Buen Vivir se ha consolidado como una herramienta fundamental para la comprensión de dicha práctica y su dimensión cultural. Con base en métodos de observación directa y entrevistas sustentadas en la historia oral, este trabajo tiene como objetivo analizar y debatir la importancia del colectivo Jupago Kreká en la valorización de la agricultura ancestral del pueblo Xukuru del Ororubá, a partir del enfoque del Buen Vivir.

Palabras clave: Identidad, Agricultura, Territorio, Pueblos indígenas.

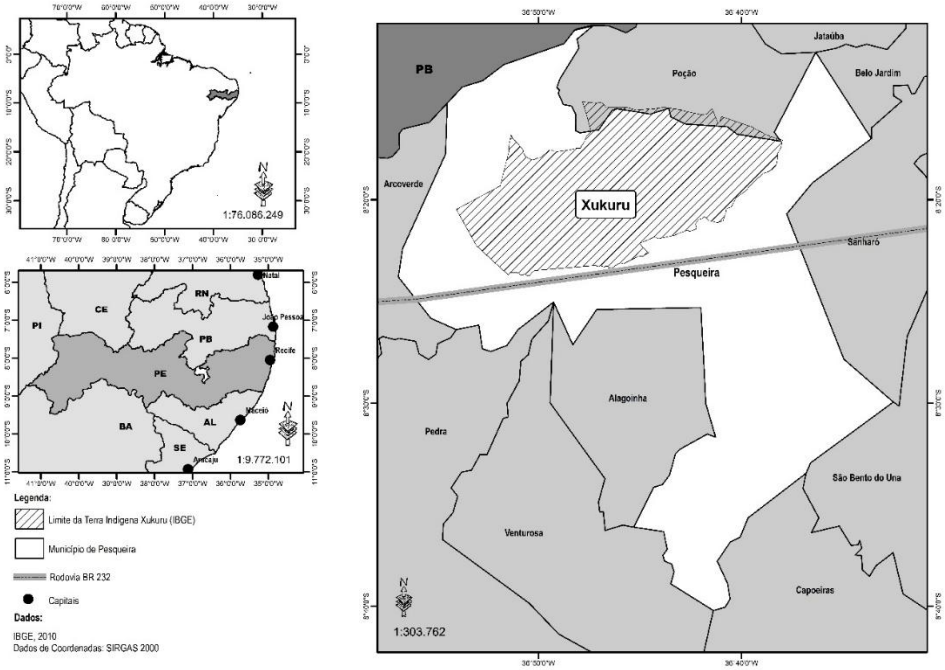
[1] Doutorando pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Indígena Xukuru do Ororubá. Recife, Pernambuco, Brasil.
* Autor correspondente: joao.luiz.gnr@gmail.com.

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v9i1.1657.

INTRODUÇÃO

Os Xukuru do Ororubá, habitantes da Serra do Ororubá – Pesqueira e Poção-PE (Figura 1), passaram por séculos de exploração do território e relegação da cultura por parte de fazendeiros que invadiram a região. Esta etnia sempre foi ligada à agricultura, sobretudo no sentido cosmológico, conforme apontam Araújo (2019), Araújo (2021) e Vieira (2020; 2021; 2022). Porém, diferentemente da visão da etnia, o mundo capitalista divisa esta atividade como meio econômico e o período de domínio dos invasores deixou como cicatriz esta percepção na mente de alguns viventes do território indígena.

Figura 1 – Mapa da localização do Território Indígena Xukuru do Ororubá.

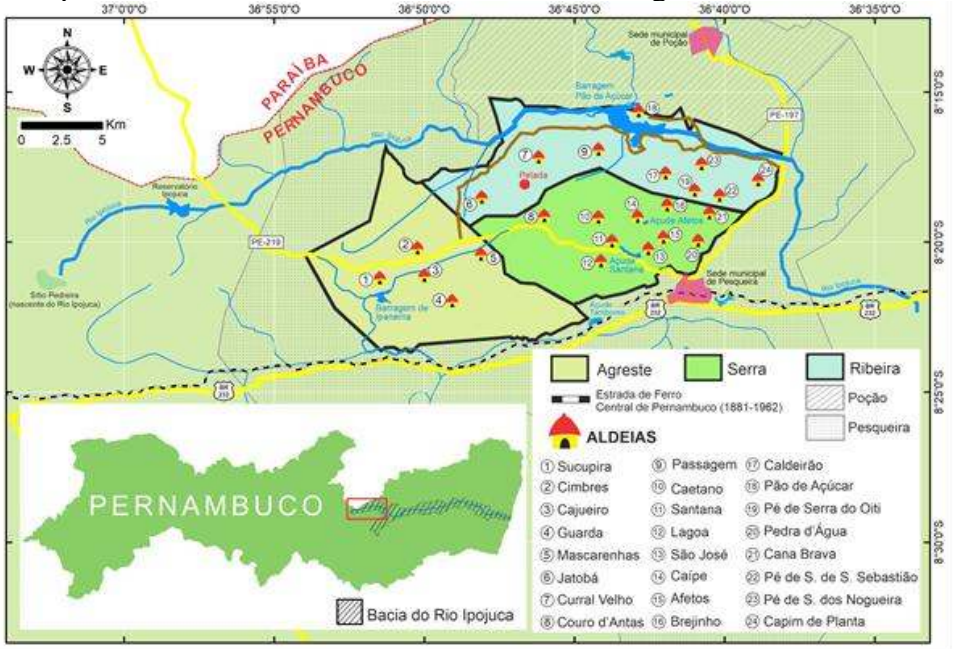


Fonte: Marli Gondim de Araújo (2021)

O território Xukuru do Ororubá (Figura 2) foi homologado em 2001 (Silva, 2014), após movimentos de reconquista das terras chamados de retomadas. Assim, o povo supracitado recobrou o direito de realizar rituais livremente, possuir educação diferenciada e ter acesso a terreno para plantio. Essa nova perspectiva passou a ser debatida nas assembleias anuais que esta etnia realiza desde o ano da homologação (Vieira, 2022).

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 9, n. 1, e091022, Jan.-Dez., 2025
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v9i1.1657.

Figura 2 – Mapa da divisão administrativa do Território Indígena Xukuru do Ororubá.



Fonte: Silva, Cunha, Pinheiro Filho, 2021.

A partir das reflexões durante as Assembleias sobre a agricultura ancestral, o respeito à Natureza e a rejeição aos agrotóxicos, foi formado o coletivo *Jupago Kreká*. Araújo (2011, p. 66) cita que o coletivo surgiu a partir de "*la reflexión de los técnicos Xukuru sobre la propia experiencia, la interacción con las políticas públicas y las necessidades actuales del Pueblo* [...]". Nesse sentido, a discussão não era mais acerca do acesso às terras paras agricultura, mas sim sobre como utilizadas de modo diferente ao dos fazendeiros e respeitando à natureza e os encantados (espíritos de Xukuru que já foram "plantados"). Iran Ordônio (2020) comenta sobre a origem do coletivo:

> Com o nome ela começa em 2008, 2009, 2010, por aí. Mas o movimento começa a surgir a partir das primeiras assembleias, então 2000, 2001, 2002. Entre 2002 e 2004 houve um questionamento muito forte "do que queremos agora? Que modelo de agricultura é esse? Vamos ter nossas equipes!". Então já começa a surgir. Então as primeiras pessoas: Ângelo, Sil, Edgar, depois eu entro. Na época tava terminando os estudos do mestrado. Então venho pra cá no início dos anos 2000, em 2001, 2002, por aí, ainda enquanto estudante universitário. Aí tinha uns projetos por aqui, tinha um certo vínculo com a Universidade Rural [de Pernambuco/UFRPE]. A gente começou a trabalhar e já tinha essa ideia, essa compreensão de equipe. Mas era uma equipe técnica para ajudar o povo a produzir alimentos, mas tinha o questionamento de "como produzir esse alimento? Como romper com esse modelo da fazenda?"

Neste sentido, o *Jupago Kreká* surge no intuito de prestar apoio técnico ao povo na produção de alimentos, questão que era foco central das lutas por retomada de terras. Essa ideia concatena com o significado do termo, que se traduz como "pancada na cabeça", uma analogia ao fato do coletivo visar a provocação de reflexões. Contudo, havia questões internas que

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 9, n. 1, e091022, Jan.-Dez., 2025
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v9i1.1657.

demandavam outras formas de agir e pensar. Lira (2013, p. 125) corrobora com este pensamento ao escrever que

> A necessidade da existência desse grupo ocorreu após a homologação do território, quando surgiram questões referentes ao manuseio, pelos próprios indígenas, do espaço oficialmente reconhecido como Xukuru. O que fazer com a terra? Como trabalhá-la respeitando a ancestralidade Xukuru? De que forma gerir o território está atrelado à questão étnica?

Ou seja, a agricultura para o povo Xukuru do Ororubá é uma relação ancestral, deve gerar o sustento de quem a prática, mas também se relaciona com as práticas culturais, educacionais e políticas desta etnia.

Dado isso, como este é um trabalho que lida diretamente com a etnia, o principal recurso metodológico foi a entrevista a partir da história oral (Delgado, 2006), conforme demonstrado em trechos acima, além da pesquisa bibliográfica e observação direta.

Este artigo, que tem por objetivo compreender e debater a importância do coletivo Jupago Kreká na valorização da agricultura ancestral dos Xukuru do Ororubá, está organizado de modo a descrever a origem, espaço e atuações do coletivo em questão, refletindo a importância dele para as concepções territoriais e identitárias do povo em questão. Todos os pontos foram discutidos em uma seção, de modo que as experiências observadas, as entrevistas e os textos acadêmicos se concatenem na produção do conhecimento.

NA PISADA DO *JUPAGO KREKÁ*: FILOSOFIAS, BEM VIVER E TERRITÓRIO:

Embora tenha havido a desintrusão dos fazendeiros do território, o modelo colonial ainda reverberava no povo, devido aos processos violentos como se impõem. Um conflito ideológico e filosófico se instaurou entre o povo Xukuru do Ororubá: de um lado a agricultura ancestral, respeitando a Natureza e sendo orientada pelos encantados e saberes tradicionais; do outro lado a agricultura que seguia o modelo dos fazendeiros, feita à base de agrotóxicos e queimadas. Ordônio (2020) reflete, em entrevista, sobre esse momento:

> Veja só, particularmente pra mim eu começo a perceber isso e assim, começa a me incomodar e eu começo a mudar minha atitude aqui dentro. Quando em 2008 a gente começa a se mobilizar e aí percebe a busca pelas sementes tradicionais, a importância que isso tem. Aí quando a gente começa a buscar essas sementes... isso foi até um pouquinho antes, mas 2008 foi mais forte porque teve o seminário de ATER [Assistência Técnica e Extensão Rural] indígena. Aí a gente viu que "poxa, essa agricultura, isso que a gente tá tentando fazer para o povo, não é tão bom assim, porque a gente tá se preocupando só em agricultura para produzir". Aí começa a surgir a cultura do cuidar da terra, de viver na terra e do viver da terra. Aí a gente começa a perceber através da busca pelas sementes. A gente vai começar a observar que

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 9, n. 1, e091022, Jan.-Dez., 2025
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v9i1.1657.

> quando se falava em semente tradicional, crioula, vinha um conhecimento associado, vinha uma prática de cura, vinha receitas de culinária tradicional, vinha economia de reciprocidade, vinha práticas de cultivo, vinha histórias relacionadas às sementes, ou seja, vinha muito conhecimento, né? Daí a gente começou a se empolgar, vamos dizer assim, nessa questão da semente e aí "será que é isso mesmo? Só fazer PRONAF [Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar]? Será que a gente vai estar ajudando ao povo, né?" E aí teve um momento que foi crucial quando a gente viu que estávamos apoiando uma atividade econômica que tava ajudando a destruir o projeto de vida do povo Xukuru que era o gado, então o pessoal passou a comprar muito gado. Essa crescente que teve da aquisição de animais e a gente percebe que havia um conflito gado e lavoura. Gado de um lado e fava do outro. Ou seja, aquele conflito que acontecia antes entre índio e fazendeiro, né? Agora era índio e índio. Índio com o modelo da fazenda e índio com o modelo tradicional de lavoura e aí coincidiu com a seca. 2010, 2011, 2012, vem o auge de todo esse conflito. Aí coincide com o achado do Terreiro. Aí quando a gente acha o Terreiro é o ponto final, nessa concepção, né? De fato, é isso. Aí vem toda a história dos encantados que vêm, que orientam, que dizem que a partir de agora como é que a gente agir, vai fazer, o que é que a gente vai enquanto coletivo organizar aqui dentro do território.

As reflexões do *Jupago Kreká* sobre a retomada da agricultura ancestral se iniciam, sobretudo, a partir da busca pelas sementes tradicionais, algumas consideradas extintas na região, mas que depois acabaram sendo reencontradas. O principal intuito desta ação era fazer com que os agricultores do povo Xukuru do Ororubá fossem independentes das casas agrícolas, gerando bancos de sementes endógenas (Figura 3).

Figura 3 – Sementes armazenadas para trocas durante o Urubá-Terra. Pesqueira, 2019



Fonte: O autor, 2019.

A percepção de agricultura além da produção, não entendidada apenas como uma atividade estritamente econômica, advém deste período também. As práticas de cura e culinária passaram a ser vista como parte integrante da atividade agrícola da etnia, trazendo discussões sobre a agricultura que alimenta o corpo, a mente e o espírito e transcende a ideia de plantar, colher e comer, que serão melhor discutidas no capítulo seguinte.

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 9, n. 1, e091022, Jan.-Dez., 2025
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v9i1.1657.

Ordônio (2020) reforça ainda a questão interna do gado. A pujança do boi ainda é vista por alguns como sinônimo de prosperidade, sem estabelecer uma crítica à simbolização do animal em relação a história de opressão pelos fazendeiros. Recentemente, tem havido no território a prática de "pega de boi" [2], uma atividade que, além dos maus tratos ao animal, incentiva a perspectiva do boi enquanto majestade, em consonância com reflexões de Silva (2009).

O redescobrimento do Terreiro da Boa Vista foi um ponto fundamental para embasar a agricultura ancestral, marcando a presença dos encantados enquanto seres orientadores do povo Xukuru do Ororubá e unindo a atividade agrícola com a prática sagrada, em oposição aos métodos puramente econômicos que envolvem a agricultura capitalista, "[...] visto que para o povo Xukuru do Ororubá, o semear, o colher e o comer são hábitos ritualísticos que envolvem uma intimidade entre sujeitos e encantados" (Ordônio; Vieira; Maciel, 2019, p. 9)

Outro ponto comentado pelo entrevistado foi a economia de reciprocidade. Como comenta Sabourin (2014), reciprocidade pode ser vista como sinônimo de solidariedade e ocorre também enquanto atividade econômica diferente ou, ainda, oposta ao modelo de troca mercantil da lógica capitalista. A economia de reciprocidade simbolizaria a capacidade de ser autônomo em sua produção a partir de ajuda comum, da mutualidade dos indivíduos. Saquet (2019, p. 45) define assim reciprocidade:

> A reciprocidade está diretamente vinculada às relações sociais, às interações cotidianas, sem o necessário conteúdo da colaboração. Porém, acreditamos que sua qualificação humana ocorre justamente quando há solidariedade e cooperação, simultaneamente, ajuda mútua, espontaneidade e confiança. A reciprocidade também está relacionada à conquista da autonomia decisória a partir da formação e qualificação política, do diálogo, das conversas, dos debates, das decisões, enfim, da práxis de resistência político-cultural, luta e contra-hegemonia popular.

Para o autor, a reciprocidade está vinculada à territorialidade. O trabalhar com e para o outro envolve afetividades, pluralidades e práticas no/com o território. A reciprocidade promoveria a liberdade de um grupo ou classe, sem as perspectivas de dominação impostas pelo capital. A relação de reciprocidade consistiria, então, numa atividade decolonizadora, de simetria entre os envolvidos.

Similar a economia de reciprocidade, alguns autores citam a economia solidária. Valle (2017) comenta que, por esse viés, a economia estaria imbricada nas relações sociais, numa

[2] Pega de boi no mato é uma prática ainda comum nas áreas de caatinga onde predomina a pecuária extensiva, podendo ser vista como um tipo mais rústico de vaquejada. De forma geral, caracteriza-se pela atuação de vaqueiros em disputa por capturar e derrubar o gado em amplos espaços de vegetação natural.

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 9, n. 1, e091022, Jan.-Dez., 2025
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v9i1.1657.

perspectiva simétrica e horizontal. Segundo Cunha e Rosas (2017), a economia solidária é um movimento contra-hegemônico, como defendido no texto supracitado. Alves (2017) afirma que a economia solidária é plural e de difícil definição, relacionando-se aos territórios através das estratégias, laços e redes construídas pelos sujeitos.

É a partir dessa discussão sucinta que se aproxima da ideia do Bem Viver, filosofia bastante difundida no povo Xukuru do Ororubá, em especial no coletivo *Jupago Kreká*, que preza pelas relações entre o ser humano e o ambiente, um diálogo envolvendo respeito ao tempo e aos sinais da Natureza. Para a etnia em questão, o Bem Viver é a busca por uma saúde mental, corporal e espiritual. Segundo Lira (2013, p. 124),

> a ideologia do Bem Viver tem seu esteio na economia solidária e no respeito aos ciclos da Natureza, ou seja, na economia a serviço da vida e não do lucro. Integram esse conceito o saber viver e conviver com a Terra e com os seus recursos, como solos, água, florestas, etc., de maneira a assegurar as necessidades e a vida das próximas gerações. Propõe a busca pela qualidade de vida, não atrelada a bens materiais, mas ao bem comum. Este bem comum perpassa todo o Ambiente e seus ecossistemas, portanto não se trata de mais um princípio político ou social com viés antropocêntrico, no qual os seres humanos subjugam a Natureza

Nota-se que o Bem Viver se concatena diretamente com a economia de reciprocidade/solidariedade e simboliza o saber se relacionar com a Natureza, o entendimento de fazer parte dela e não superior a ela. O Bem Viver é um modo de vida que se opõe às estruturas capitalistas e coloniais que foram impostas aos povos. Importante salientar que são práticas antigas, anteriores aos processos de colonização. Neste ensejo, Alberto Acosta comenta que:

> O Bem Viver compõe uma cosmovisão diferente da ocidental, posto que surge de raízes comunitárias não-capitalistas. Rompe igualmente com as lógicas antropocêntricas do capitalismo enquanto civilização dominante e com os diversos socialismos reais que existiram até agora — que deverão ser repensados a partir de posturas sociobiocêntricas e que não serão atualizados simplesmente mudando seus sobrenomes (Acosta, 2016, p. 80).

Para o autor, o Bem Viver é distinto tanto da lógica capitalista como da socialista, visto que são ideias que chegam aos povos originários. Para alcançar o Bem Viver é necessário mudar estruturas sociais e econômicas (aqui se aproximando da economia de reciprocidade), é entender a sociedade enquanto uma estrutura comum aos indivíduos que se auxiliam, sentindo-se parte de um todo e trabalhando numa perspectiva contra-hegemônica ao capital.

Importante comentar também sobre a organização do coletivo. Diferentemente de outros movimentos, o *Jupago Kreká* não apresenta uma estrutura vertical, mas sim circular, agregando quem queira participar e somar com a causa. Evidente que há algumas pessoas que encabeçam,

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 9, n. 1, e091022, Jan.-Dez., 2025
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v9i1.1657.

como Iran e Edgar, porém o foco é o todo, as relações que possam contribuir com a filosofia do *Jupago Kreká*.

Com a busca pelas chamadas sementes tradicionais do povo Xukuru do Ororubá, os saberes ancestrais foram sendo redescobertos, as pessoas falavam mais sobre o assunto, sobretudo após a retomada do território. Assim, os objetivos do *Jupago Kreká* se afastam mais da produção capitalista e alcançam o âmbito sociocultural da etnia, sendo, portanto, uma agricultura de resistência. Como comenta Ordônio (2020), o maior objetivo do grupo "é ajudar o povo nesse processo de formação. Tem os princípios que orientam o projeto de vida do povo Xukuru e o objetivo é pegar esses princípios e materializar eles e através dessa materialização formar e informar".

Neste sentido, nota-se ainda um viés educacional e territorial da agricultura. O coletivo passou a fazer discussões para conscientizar os agricultores sobre o uso de agrotóxicos e a retomada da agricultura ancestral, dos pais e avós, tocando a identidade e a memória biocultural da comunidade (Toledo; Barrera-Bassols, 2015), fortalecendo, assim, as práticas ancestrais (Ordônio; Vieira; Maciel, 2019). A culinária e medicina tradicional foram também imprescindíveis nesse momento para agregar os valores da agricultura e reafirmar a atividade como uma das bases do povo Xukuru do Ororubá e defender o respeito e cuidado à Natureza e aos encantados.

Dois dos eventos principais da etnia são organizados pelo coletivo. O primeiro é o Encontro de Sábios e Sábias do Povo Xukuru do Ororubá – Lonjy Abaré, que acontece no último final de semana de janeiro no Terreiro da Boa Vista, no qual são discutidas as estratégias e saberes para o plantio ao longo do ano (Vieira, 2020). O segundo é o Urubá-Terra, realizado em novembro, em que são debatidos os resultados dos plantios (Araújo, 2019; Araújo, 2021).

Além destes, outros projetos foram organizados pelo *Jupago Kreká*, sobretudo no CAXO da Boa Vista. No espaço, há áreas de cultivo coletivo e reprodução de plantas tradicionais e raras, que muitos achavam ter sido extintas durante o período de domínio latifundiário. Essas atividades funcionam como territorialidade do povo, reivindicando um território, uma outra maneira de plantar e colher, de se relacionar com a Natureza.

Como contribui Lira (2013), o primeiro projeto do coletivo foi a Feira Orgânica (Figura 4), localizada no pátio da antiga Fábrica Peixe, onde é realizada a feira da cidade, nas quartas-feiras e sábados. A feira é um espaço importante para a autonomia Xukuru do Ororubá e para o fornecimento de alimento de qualidade, pois como comenta Pereira (2020): "a gente planta porque necessita de um alimento natural que não tenha tanto agrotóxico e a gente não pode confiar só no alimento que o pessoal vende, do atravessador na feira, porque nem todo alimento

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 9, n. 1, e091022, Jan.-Dez., 2025
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v9i1.1657.

é confiável". Por isso, os legumes, hortaliças, frutas, grãos e raízes vendidos são bastante disputados, costumando acabar rapidamente, e oriundos principalmente da região Serra, em que há maiores recursos hídricos. Araújo e Ordônio (2011) comentam que há ocorrência de reuniões mensais para a organização da feira e fortalecimento da agricultura e identidade.

Figura 4 – Feira Orgânica do povo Xukuru. A) Setor das hortaliças; B) Setor dos legumes; C) Setor dos grãos; D) Setor da Farinha. Pesqueira, 2020.



Fonte: O autor, 2020

Outro projeto promovido pelo *Jupago Kreká* com apoio do Programa Estadual de Apoio ao Pequeno Agricultor Rural (PRORURAL) e do Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA) foi a Casa de Sementes e Centro de Formação em Agricultura Xukuru do Ororubá — Mãe

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 9, n. 1, e091022, Jan.-Dez., 2025
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v9i1.1657.

Zenilda, cujo nome foi escolhido em homenagem à viúva do cacique Xicão, um símbolo de luta e resistência dentro do povo Xukuru do Ororubá. Segundo o projeto da Associação da Comunidade Indígena Xukuru do Ororubá (2016, p. 5):

> A Casa de Sementes tem como objetivo ainda tornar visível dinâmicas sociais baseadas na partilha e solidariedade que fundamentam a economia da reciprocidade, princípios da Economia Solidária. Dessa forma, a troca, partilha ou doação de sementes, a produção de alimentos isentos de agroquímicos para o autoconsumo, a socialização de receitas da culinária tradicional, as grandes refeições coletivas, bem como o uso e manipulação de plantas dentro do sistema tradicional de cura são práticas que garantem um "caminhar" de pessoas e de seus saberes em circuitos de economias tradicionais de reciprocidade que animam e articulam a economia local tornando-a mais justa e solidária.

A Casa de Sementes, então, está concatenada com a discussão feita até aqui sobre as práticas de reciprocidade e solidariedade, sendo um espaço destinado a troca de sementes e conhecimentos. O espaço é composto de um pátio central, orlado por diversas salas e uma cozinha, reforçando o inventivo e importância da culinária tradicional. A área do banheiro, algumas pilastras e a cisterna possuem pinturas remetentes à cosmologia Xukuru do Ororubá (Figuras 5)

Figura 5 – Pinturas na Casa de Sementes: A) Cosmologia Xukuru em tintas naturais; B) Pintura na cisterna da Casa das Semente. Pesqueira, 2020.



Fonte: O autor, 2020

Como salientam Araújo e Ordônio (2020), a Casa de Sementes é um aparelho importante para o fortalecimento da agricultura Xukuru do Ororubá. Além disso, no espaço ocorrem eventos de parcerias externas, com o intuito de discutir as práticas do povo, como foi o Seminário de Agroecologia e Educação do Campo, promovido pelo IFPE em 2019.

Também são realizadas reuniões sobre as estratégias anuais do *Jupago Kreká* junto aos/às agricultores/as. Costumava-se fazer as reuniões às segundas-feiras; organização para a feira nas terças-feiras; quarta, como já citado, é o dia da feira da cidade, e às quintas são feitos mutirões e um almoço é feito com o excedente da feira. Nos encontros, destacam-se os debates sobre a reeducação no território acerca da agricultura, a agrobiodiversidade, organização da

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 9, n. 1, e091022, Jan.-Dez., 2025
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v9i1.1657.

etnia, resgate de espécies que estão "sumindo" do território, criação de mapeamentos das sementes, entre outros.

O coletivo possui vários projetos em planejamento, entre eles: a criação de uma editora local, o Santuário das Matas, brinquedoteca, biblioteca, recuperação de nascentes, etc. Entretanto, Ordônio (2020) comenta que "muitas dessas coisas requer recurso porque a gente está num ambiente degradado. Aí eu falo da degradação da natureza e da degradação do conhecimento e da identidade, porque ela foi degradada e estamos nos recuperando". Nesse contexto, a citação corrobora com as discussões de Thiong'o (2017) sobre a libertação cultural, promovendo o fortalecimento do povo a partir da construção de pensamentos e práticas distantes dos modelos coloniais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Coletivo *Jupago Kreká* é, portanto, um dispositivo fundamental na promoção da agricultura ancestral do povo Xukuru do Ororubá. Ao promover o conceito do Bem Viver, o grupo incentiva ao desvinculamento com as práticas dos fazendeiros e a reconexão com os métodos de plantio daqueles que morreram em meio à exploração e lutando para recobrar o território. Nesse sentido, o *Jupago Kreká*, honra a memória dos que se foram e fortalece a identidade territorial dos vivos a partir da relação da agricultura com o sagrado da etnia, além de promover o diálogo de conhecimentos da etnia e a promoção da segurança alimentar no território.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade pra imaginar outros mundos. São Paulo: Elefante, 2016.

ALVES, Adilson Francelino. Redes curtas e longas na Economia Solidária: Uma perspectiva comparada entre experiências brasileiras e argentinas. In: SAQUET, Marcos Aurelio; ALVES, Adilson (Orgs.). **Processos de cooperação e solidariedade na América Latina**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017, p. 143-168.

ARAÚJO, A. L. O. Una mirada agroecológica en la pisada Xukuru do Ororubá: um presente de posibilidades. **Master Thesis** (Maestría en Agroecología) – Universidad Internacional de Andalucía, 2013. 116p. URI: http://hdl.handle.net/10334/2541. Acesso em: 19 mar. 2019.

ARAÚJO, André Luis Oliveira. Reorganización social de los Xukuru do Ororubá y los desafíos para una agricultura y una gestión territorial sostenibles: resistencias e innovaciones socioambientales de un pueblo indígena en el Nordeste de Brasil. **Tese** (Doctorado em Recursos Naturales y Gestión Sostenible) – Universidad de Córdoba, Córdoba, 2019. Disponível em: https://www.gov.br/incra/pt-br/centrais-de-conteudos/publicacoes/andre_luis_araujo.pdf. Acesso em: 30 jun. 2021.

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v9i1.1657.

ARAÚJO, André Luís Oliveira; ORDÔNIO, Iran Neves. Feira Xukuru do Ororubá: Conquistas em torno de uma Experiência de Comercialização de Alimentos de Base Ecológica. **Cadernos de Agroecologia**, v. 6, n. 2, 2011, p. 1-5. Disponível em: https://aba-agroecologia.org.br/revista/cad/article/view/10750/7315. Acesso em: 25 jul. 2020.

ARAÚJO, Marli Gondim de. Limolaygo Toype: território ancestral e agricultura indígena dos Xukuru do Ororubá em Pesqueira e Poção, Pernambuco. **Tese** (Doutorado em Geografia). 2021. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021. URI: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/43455. Acesso em: 04 jun. 2025.

ASSOCIAÇÃO DA COMUNIDADE INDÍGENA XUKURU DO ORORUBÁ - PESQUEIRA-PE. **Projeto de construção da Casa de Sementes e Centro de Formação em agricultura Xukuru do Ororubá da Associação da Comunidade Indígena Xukuru do Ororubá**. Arcoverde: PRORURAL/IPA, 2016

CUNHA, Luiz Alexandre Gonçalves; ROSAS, Celbo Antonio R. da Fonseca. Economia solidária, desenvolvimento territorial e a formação de uma comunidade de resistência: o pré-assentamento rural Emiliano Zapata, Ponta Grossa/PR. In: SAQUET, Marcos Aurelio; ALVES, Adilson (Orgs.). **Processos de cooperação e solidariedade na América Latina**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017, p. 367-380.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LIRA, Denise Batista de. Os índios Xukuru do Ororubá na Ribeira do Ipojuca (Pesqueira/Poção): ambiente, memórias e história (1986-2010). **Dissertação** (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013. URI: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11380.

ORDÔNIO, Iran Neves. **Entrevista a agricultura do sagrado no fortalecimento da identidade territorial do povo Xukuru do Ororubá**. [Entrevista cedida a] João Luiz da Silva Vieira Pesqueira-PE, 2020.

ORDÔNIO, Iran Neves; VIEIRA, João Luiz da Silva; MACIEL, Caio Augusto Amorim. O Coletivo Indígena *Jupago Kreká* na promoção da agricultura do sagrado no espaço CAXO Da Boa Vista, Pesqueira-Pe. IN: Seminário Internacional de Geografia Agrária, 9, Recife-PE, 2019. **Anais...** Recife, UFPE, 2019.

PEREIRA, Ângela. **Entrevista a agricultura do sagrado no fortalecimento da identidade territorial do povo Xukuru do Ororubá**. [Entrevista cedida a] João Luiz da Silva Vieira. Pesqueira-PE, 2020.

SABOURIN, Eric. A economia de reciprocidade: herança e desafio dos povos e comunidades tradicionais. In: Colóquio Povos e Comunidades Tradicionais, 3, Montes Claros, 2014. **Anais...** Montes Claros, 2014, p. 1-26. Disponível em: https://agritrop.cirad.fr/574007/. Acesso em: 05 mai. 2021.

SAQUET, Marcos Aurelio. **Saber popular, práxis territorial e contra-hegemonia**. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

SILVA, Edson. Sua majestade, o boi! Invasões de fazendeiros e impactos ambientais em terras Xukuru (Pesqueira-PE). **Revista Ouricuri**, v.1, n.1, 2009, p. 147-165. DOI: https://doi.org/10.59360/ouricuri.vol1.i1.a6404. Acesso em: 03 abr. 2021.

SILVA, E. **Xukuru:** memórias e história dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE), 1950-1988. Recife: Editora UFPE, 2014. Disponível em: https://editora.ufpe.br/books/catalog/book/257. Acesso em: 20 jan. 2022.

SILVA, Edson; CUNHA, Maristela Casé C; PINHEIRO FILHO, João Domingos. O Ipojuca, um rio na História no Semiárido brasileiro: caminhos de águas, de terra e de ferro. In: Rios e histórias: séculos XIX e XX. Manaus, AM, 2021.

THIONG'O, N. W. **Desplazar el centro**: la lucha por las libertades culturales. Barcelona, Rayo Verde Editorial, 2017.

TOLEDO, Victor M.; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A memória biocultural**: a importância ecológica das sabedorias tradicionais. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

VALLE, Luciano Martínez. La crisis de los processos de cooperacion y solidaridad entre el campesinado andino de Ecuador. In: SAQUET, Marcos Aurelio; ALVES, Adilson (Orgs.). **Processos de cooperação e solidariedade na América Latina**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017, p. 13-36.

VIEIRA, João Luiz da Silva. A agricultura do sagrado no fortalecimento da identidade territorial do povo Xukuru do Ororubá, Pesqueira e Poção-PE. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) — Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022. URI: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/49018.

VIEIRA, João Luiz da Silva. "A agricultura é sagrada": as práticas agrícolas do povo Xukuru do Ororubá como resistência. **Revista de Ciências Humanas Caeté**, v. 3, n. 1, 2021, p. 68-80. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/revistadecienciashumanascaete/article/view/11919. Acesso em: 13 jan. 2022

VIEIRA, João Luiz da Silva. *Longy-Abaré* – O Encontro de Sábios/as da Natureza nas memórias e identidades do povo Xukuru do Ororubá. **Revista de Estudos e Investigações Antropológicas**, v. 7, n. 2, 2020, p. 1-12. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/reia/article/view/248250. Acesso em: 02 fev. 2021.

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v9i1.1657.

Revista Macambira

Informações do Artigo	Article Information
Recebido em: 28/04/2025 **Aceito em**: 07/11/2025 **Publicado em**: 09/11/2025	**Received on**: 2025/04/28 **Accepted in**: 2025/11/07 **Published on**: 2025/11/09
Conflitos de Interesse O autor declara não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmico, político e financeiro referente a este manuscrito.	**Interest conflicts** The author declare that there is no personal, commercial, academic, political or financial conflict of interest regarding this manuscript.
Como Citar este artigo - ABNT VIEIRA, João Luiz da Silva. O coletivo Jupago Kreká na promoção do Bem Viver do povo Xukuru do Ororubá. **Revista Macambira**, Serrinha (BA), v. 9, n. 1, e091022, jan./dez., 2025. https://doi.org/10.35642/rm.v9i1.1657.	**How to cite this article - ABNT** VIEIRA, João Luiz da Silva. **The Jupago Kreká collective in promoting the Good Living of the Xukuru do Ororubá people**. **Revista Macambira**, Serrinha (BA), v. 9, n. 1, e091022, jan./dez., 2025. https://doi.org/10.35642/rm.v9i1.1657.

Licença de Uso	Use license
A Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, mesmo que comercialmente, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.	The Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License (CC BY 4.0). This license allows sharing, copying, redistributing the manuscript in any médium or format. In addition, it allows adapting, remixing, transforming and building on the material, even commercially, as long as due credit for authorship and initial publication in this journal is attributed.